

O Olimpismo como oficina da cidadania global

Autor

José Gregório Viegas Brás¹

zevibras@gmail.com

Resumo

Os jogos olímpicos da era moderna correspondem a um renascer da excelência humana, a uma procura abnegada pela conquista do *arete*. No procurar o que ainda não se é, está a linha de abertura onde se joga o projecto de constituição de mais ser. Como linha orientadora do nosso trabalhos destacamos os seguintes objectivos: identificar os discursos que construíram o olimpismo; Compreender a realidade portuguesa a partir deste enunciados; Relacionar o olimpismo com a ambição de se querer construir uma cidadania global. Como fontes destacamos Revista Tiro e Sport, monografias, discursos e biografia de Coubertin, publicações do Comité Olímpico Espanhol, Arquivo Comité Olímpico Português, Diário da Câmara de Deputados, imprensa. Partimos da ideia de que a realidade é uma construção social, tendo a linguagem um papel fundamental. Neste sentido, a opção metodológica foi a de analisar e caracterizar os discursos constitutivos que estiveram na génese do olimpismo. Como conclusão destacamos a importância dos discursos enunciados que potencializaram a adesão de Portugal ao modelo seguido pelos países de referência (olimpismo) e abriram para um imaginário com um novo sentido de beleza ética e estética, no qual se pretendeu edificar uma cidadania à escala global.

Palavras-chave: discurso; olimpismo; degeneração, cidadania

“As palavras são a minha memória, a minha narrativa: sou feito de palavras, porventura silenciosas; (...) o milagre da evolução gerou as palavras para que o homem possa narrar, para que na sucessão das gerações não se perca o património das experiências vividas” (Lamberto Maffei, *Elogio da Palavra*, 2019, p.158)

¹ CeiED - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Introdução

A recuperação da ideia dos jogos olímpicos da Grécia antiga arrasta consigo a ideia de cidadania cujo termo cidadão nos remete para o conceito político de habitante da *polis*, quer dizer, da qualidade de vinculação, de pertença à cidade-estado. A cultura da *polis* tinha uma influência na educação e a idealidade do pensamento da *polis* influía na vida das pessoas. Nesse sentido a cidade-estado continha uma espiritualidade que representava os aspetos mais significativos da existência e os inculcava como dons: “A polis incitava os seus cidadãos a competir nos jogos Olímpicos e em outras disputas, e premiava com as honras mais altas os que regressavam vencedores” (Jaeger, 1989, p.96). Esta formação não se reduzia a desenvolver o espírito de luta, mas, através da competição, formar o verdadeiro espírito comunitário. A participação nos jogos era uma forma de se expressar a excelência humana, de conquistar o *arete*. Tal como o homem ganha forma na cultura aristocrática da *Iliada* e *Odisseia*, os jogos pan-helénicos, particularmente os jogos olímpicos eram também uma forma particular de expressar o ideal de luta, a grande virtude humana.

Depois da longa interrupção (393d.dc–1896), o retomar dos Jogos Olímpicos, na era moderna, projeta também um idealismo de ver renovado e aperfeiçoado, as boas relações entre os homens. O conceito de olimpismo acolhe e transporta em si esta cultura do amor, uma pedagogia cívica que faz um investimento no sentimento de fraternidade entre os povos. Pela via afetiva, pretende-se interiorizar a comunhão desportiva dos cidadãos.

O Olimpismo pode quiçá prefigurar-se como o mito do Santo Graal. Tal como Parsifal se juntou aos cavaleiros do rei Artur, é-nos solicitado para ingressar também nas “tropas” à procura de valores que dignifiquem a humanidade. A institucionalização do olimpismo pode ser vista como tendo um carácter quase divino, algo messiânico, um universo de possibilidades a explorar. Neste sentido destacamos os seguintes objectivos: identificar os discursos que construíram o olimpismo; Compreender a realidade portuguesa a partir deste enunciados; Relacionar o olimpismo com a ambição de se querer construir uma cidadania global.

Problema

Se o universo tem uma existência, é porque o homem foi capaz de lhes atribuir um nome. Ora, o mundo só é pensável a partir dos discursos que o homem foi capaz de produzir sobre ele (Hagège, 1990, p.115). E Vygotsky (2000, p.83), ao comparar o pensamento a uma nuvem derramando uma chuva de palavras, pontua: “o pensamento dá significado à palavra, que sem significado seria um vazio”.

Com o relançamento dos Jogos Olímpicos da era moderna, apesar de ser uma ideia que se inspira nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, iniciou-se igualmente um novo jogo de linguagem (Wittgenstein, 1992). Com este novo jogo de linguagem uma nova realidade começou a ser tecida, um novo processo de aprendizagem social foi encetado. Neste sentido, a linguagem funciona como uma oficina, quer dizer, que nos põe a pensar, a sentir e a agir de certa maneira. O olimpismo tornou-se pensável na medida que foi dizível. Enquanto o homem não foi capaz de dizer, ou de saber dizer o ideal olímpico, a realidade permaneceu insensível ao seu imaginário que só a linguagem tem o poder de nos dar.

Nesse limite da linguagem, e situando o presente no tempo histórico, encontramos a ideia de crise generalizada e de decadência da sociedade portuguesa como um discurso que vem do liberalismo de 1820. O ideal olímpico insere-se (encontra eco) perfeitamente na divulgação do ideário liberal como fazendo parte de uma solução regeneradora para o problema que vinha sendo discutido.

Neste sentido, colocamos como as seguintes perguntas de partida: O que foi o homem capaz de saber dizer na oficina da linguagem sobre o olimpismo? Para que possibilidade de ser nos envia? Para que universo simbólico projetou a nossa existência? Que cidadania humanista veio engrandecer o homem?

Metodologia

Segundo Berger e Luckman (1987) a realidade constrói-se socialmente. Tal como Sedas Nunes (2005) nos alerta, a realidade é uma só, a condição humana. Colocamos a ênfase nos processos de interação social, é atribuído à linguagem um papel fundamental como objetivadora das nossas experiências e produtora do conhecimento. Para Hagège (1990), o homem é por natureza dialogal e a linguagem serve para construir realidade.

Pensar a linguagem como discurso, com prática social, é fundamental para a análise da realidade. Foucault (1997, p.135) chama discurso ao conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva. E por enunciado devemos entender a unidade da comunicação (ou função), a palavra de ordem (Deleuze & Guatari, 1995, p.23). Os enunciados não são frases ou proposições, mas formações que se destacam em um determinado corpus. Utilizamos a palavra saber num sentido bastante abrangente para designar os diferentes tipos de discurso que contribuíram para a construção do olimpismo. Em linha com Foucault (1997, p.206), não há saber sem prática discursiva definida e toda a prática discursiva pode definir-se pelo saber. Neste sentido, procuraremos definir os discursos penetrando-se com isto no nível do saber. Nesta abordagem, o que está em causa são as condições de existência dos saberes, tomando estes como discursos que podem ser independentes da ciência. O saber não tem residência fixa já que pode situar-se tanto em textos pedagógicos, como em textos políticos, filosóficos, literários, etc.

A orientação da nossa análise pressupõe que um enunciado é sempre um acontecimento discursivo que uma análise puramente linguística não consegue captar.

O Discurso do Desafio Existencial

Coubertin terá dito “O mundo exige-nos um novo homem; formemo-lo através de uma nova educação” (Ramos, 1983, p.259). Coubertin, que era um “Humaniste, il l’est aussi par son désir que les êtres et les nations se comprennent (...) et l’olympisme vient directement dans cette perspective” (Durry, 1994, p.54), pretendeu reformar a sociedade à escala planetária através dos jogos olímpico pelo potencial educativo e transformador do desporto.

Este novo desafio existencial joga-se no Congresso de 1894 quando a 23 de junho desse ano, 79 delegados, pertencentes a 14 países presentes, votaram por unanimidade o restabelecimento dos Jogos Olímpicos (Durantez, 1975, p.359). No discurso que profere no Congresso de Paris de 1894, Coubertin sublinhou que desde a Idade Média “se cierne una espécie de descrédito sobre las cualidades corporales y se las ha aislado de las del espíritu” (1973, pp.18-19). No seu discurso no Congresso em Atenas de 1896, retoma esta questão, denunciando o erro que se persistia em

considerar que o “el juego perjudica a los estúdios; en quanto al carácter, no existia la idea de que pudiera haber un vínculo entre el cuerpo y la voluntad” (Coubertin, 1973, p.25).

No sentido de promover os Jogos Olímpicos foi criado nesse mesmo ano o Comité Olímpico Internacional (COI), assegurado pela presidência de Dimitrius Vikellas, como homenagem aos Jogos da Antiga Grécia, cuja ação se rege pela Carta Olímpica. De sublinhar a ideia visionária do I Congresso Olímpico Internacional de 1894:

“Promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais, que constituem as bases do desporto;

Educar a juventude através do desporto, dentro do espírito da melhor compreensão mútua e de amizade, contribuindo dessa forma para a construção de um mundo melhor e mais pacífico;

Dar a conhecer universalmente os princípios olímpicos promovendo a boa vontade internacional;

Juntar os atletas de todo o mundo no grande festival quadrienal do desporto que são os jogos olímpicos” (Carvalho & Constantino, 1986, p. 23; Marreiros, 1992, p.86).

Este segmento frásico representa uma vontade imaginária com uma carga de ambição capaz de despoletar o início de uma autêntica revolução cognitiva. Este nervo da história que vasculha a filosofia da “coisa” humana não perdeu a atualidade. Segundo Le Goff (1982, p.27), o passado não deixa de estar presente e a interação entre o presente e o passado é a função social da história. Coubertin situa-se na esteira dos grandes humanistas: retomou a herança grega (re)iniciando um movimento de renovação espiritual e física. O homem constrói-se neste projeto que o conceito de Olimpismo incorporou, lançando a ideia de um movimento cívico e de paz social. Segundo o programa de educação olímpica, os valores a transmitir são: Excelência, Amizade e Respeito. Cada um destes valores fazem derivar o discurso do desafio existencial para outras três grandes variantes discursivas:

Variante Discursiva Ética

Meritocrática

A Excelência baseia-se na Ética Meritocrática. O lema olímpico *Altius, Citius, Fortius* prefigura a pedagogia do esforço. O ser está neste projeto de procura de mais ser, lugar da aristocracia do mérito. Para Brás (2013, p.77) “A *poiética* do ser está encerrada neste projeto existencial marcado pela procura de mais ser, isto é, fazer o que ainda não é”.

Dos Afetos

A Amizade baseia-se na Ética dos Afetos. Os Jogos Olímpicos fazem aumentar a potência de sentir para fazer aumentar a capacidade de pensar e sentir. Somos corpos que, pela vivência da situação, somos afetados e a nossa potência aumenta. Poderemos designar os Jogos Olímpicos pelo que Espinosa (1632-1677) refere como “Bom-Encontro”, pois leva-nos a uma potência maior de sentir e agir. Trata-se de aprimorar e desenvolver o *conatus* (1965). Procuramos afetos que projetem a nossa existência.

Da Responsabilidade

O Respeito baseia-se na Ética da Responsabilidade. Tem um sentido moral de preocupação pelo agir corretamente, de não ser negligente, imprudente nem indiferente por suscetíveis prejuízos causados nos outros ou em si próprio. O homem constrói-se com o ensino do valor da responsabilidade, o que significa abertura aos outros, ser responsável pelos outros, condição fundamental para uma prática cívica. A pedagogia da responsabilidade visa desenvolver a preocupação por uma nova cidadania (Etchegoyen, 1995).

O Discurso Axiológico Encantatório

Mas este projeto não foi fácil. No discurso realizado em Estocolmo Coubertin (1973, p.66) sublinha: “Por todas partes surgían oposiciones injustificadas y malévolas; la segunda Olimpíada se anunciaba mal y algunos no se atrevían ni siquiera a augurar la tercera.” A implementação de todo este projeto representou muito esforço para a concretização de um sonho. Neste sentido é necessário articular o humanismo com a

ciência e não deixar degradar os ideais e os valores do movimento olímpico que não podem ser sugados pela lógica exclusiva da “indústria cultural” promovendo a alienação.

A força educativa da Ode ao Desporto, elaborada por Coubertin nos Jogos de Estocolmo em 1912, expressa os valores da filosofia do desporto que nos devem continuar a encantar. Os valores lançados pelo olimpismo devem continuar a alimentar a nossa imaginação para a construção de uma sociedade mais humana. É para esse não lugar que devemos caminhar.

O Discurso de apropriação Simbólica

O Comité Olímpico Português insere-se num conjunto de iniciativas que se vinham a desenhar em Portugal, clamando uma nova participação cívica. Criaram-se condições internas e externas para se aderir e partilhar o valor simbólico de um sistema de comunicação que é vivido como um jogo de espelho de uma nova cidadania. Em primeira mão trata-se de aderir a uma linguagem de prestígio que o olimpismo se quer projetar e, ao mesmo tempo, de quebrar o isolamento em relação a este movimento cívico que se quer mundial.

Se Hasse (1993) reafirma que a degeneração foi uma ideia central e que a regeneração colocou como necessidade a introdução de um comportamento favorável à construção de um corpo novo, saudável, forte, regulado por outros princípios, Crespo (1990) refere-nos que a educação física projeta-se em Portugal na transição do século XVII para o século XIX, como necessidade de complementar a reclamada civilização dos costumes. E a Reforma de 1905 (Brás & Gonçalves), que integrou a Educação Física nos currículos do Liceus, cuja ausência vinha originando um coro de críticas da *intelligentzia* portuguesa oitocentista, constituída por higienistas, pedagogos e políticos. É nesta conjuntura cultural que, em 1908, irrompe um movimento para a criação da Liga de Educação Física (LEF). Na reunião da Liga de Educação Nacional, ocorrida em 11 de Junho de 1908, Álvaro Lacerda,ⁱ presidente do *Real Ginásio Clube* expôs as bases da criação da LEF, o que mereceu aplausos de toda a assembleia.

É o tempo também de se organizarem inúmeros concursos inter-escolar, com especial destaque para a Liga de Natação e de Futebol.ⁱⁱ É também o tempo dos

centros escolares republicanos implementarem aulas de ginástica,ⁱⁱⁱ e de tiro, a ginástica sueca^{iv} e infantil^v. O *Século* lançou em 1908 uma intensa campanha sob o lema *Regeneremos a raça*^{vi}. E no Parlamento, diversos deputados republicanos fazem apologia da educação física: “não deixemos essa educação intelectual completamente separada da educação física” para “decoro e honra do Parlamento e de todos aqueles que se dedicam à educação”^{vii}. Aníbal Pinheiro^{viii} (1909, p.2) na apresentação que faz da Sociedade Promotora da Educação Física Nacional (SPEFN), defende que as coletividades devem cooperar nesta obra de regeneração. Este investimento é preferível a sanatórios e hospitais. O empenhamento que a SPEFN colocou na dinamização da regeneração desportiva foi bastante marcante. Organizou os primeiros Jogos Olímpicos Nacionais (25 a 29 de Junho de 1910)^{ix}, e promoveu as 4 edições dos Jogos Olímpicos Nacionais (1910, 11, 12 e 13). Foi na sequência deste trabalho que o Comité Olímpico Português foi constituído em 1912, para se preparar a participação de Portugal na V Olimpíada Internacional de Estocolmo^x e com isso também dar continuidade e o seu contributo para a construção de uma cidadania global que já estava em marcha.

Conclusões

O movimento olímpico não só corresponde a uma inspiração e a um renascimento dos Jogos Olímpicos da antiguidade com um novo formato, mas também responde ao movimento regenerador internacional e que foi também desencadeado em Portugal, numa mistura de inspiração positivista, darwinista, spenceriana.

Este cenário potencializou a emergência e legitimação do discurso do desafio existencial com as suas variantes discursivas, do discurso axiológico encantatório com a proclamação do novo universo simbólico e a adesão-filiação do discurso de apropriação simbólica. Foi preciso produzir um universo psíquico, esse cosmos necessário para colocar as pessoas a pensar de uma determinada maneira. Dos discursos produzidos, ou dito de outra maneira, dos jogos da linguagem, emergiu uma nova existência, um novo chão que veio proporcionar um novo espaço de aprendizagem da educação cívica. Os discursos sobre o olimpismo funcionam como

protocolos de leitura, fazendo com que as diversas práticas correspondam ao entender do seu saber discursivo.

O Olimpismo, ao procurar uma relação social harmoniosa, de cada um consigo e com os outros, cuida e entra pelo território da cidadania e da saúde. O Olimpismo vem exigir uma melhor cidadania e com isso exige uma vida saudável.

Referências

- Berger, P. & Luckman, T. (1987). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Brás, J. & Gonçalves, M. (2009). Os saberes e os poderes da reforma de 1905. *Revista Lusófona de Educação*, 13, 101-121.
- Brás, J. (2013). Um novo firmamento ético para o homem. O olimpismo como insaciável realização humana. In Pinto, P. (Coord.). *Olímpico. Os jogos num percurso de valores e de significados* (pp.77-89). Porto: Afrontamento
- Bruner, J. (1990). *Atos de significado*. Lisboa: Edições 70.
- Carvalho, M. & Constantino, J. (1986). *O que é o olimpismo*. Lisboa: Horizonte.
- Coubertin, P. (1973). *Ideário olímpico*. Madrid: INEF.
- Crespo, J. (1990). *A História do corpo*. - Lisboa: Difusão Editorial
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- Durantez C. (1975). *Olimpia y los juegos olímpicos antiguos*. Pamplona: Comité Olímpico Español.
- Durry, J. (1994). *Le vrai Pierre de Coubertin*. Paris: CFC
- Espinosa, B. (1965). *Ética*. Coimbra: Atlântida. (1ª ed. 1677)
- Etchegoyen, A. (1995). *A era dos responsáveis*. Linda-a-Velha: Difel.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.
- Foucault, M (1998). *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70.
- Hagège, C (1990). *O homem dialogal*. Lisboa: Edições 70.
- Hasse(1993). *O divertimento do corpo. Corpo, lazer e desporto na transição do sec. XIX para o Sec. XX em Portugal*. Lisboa: UTL - Faculdade de Motricidade Humana.
- Jaeger, W. (1989). *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: M.
- Le Goff, J. (1992). *História e memória*. Lisboa: Edições 70.

- Maffei, L. (2019). *Elogio da Palavra*. Lisboa: Edições 70.
- Marreiros, J. (1992). *Jogos olímpicos e olimpismo*. Torres Noves: Ed. do autor.
- Nunes, S. (2005). *Questões preliminares sobre as Ciências Sociais*. Barcarena: Editorial Presença.
- Ramos, J. (1983). *Os exercícios físicos na história e na arte*. S. Paulo: Ibrasa.
- Riemen, R. (2011). *Nobreza de espírito*. Lisboa: Bizâncio.
- Vygotsky, L. (2000). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: M. Fontes.
- Wittgenstein L. (1992). *O livro castanho*. Lisboa: Edições 70.

ⁱ Lacerda, A (1908). Liga de educação physica. In: “*Tiro e Sport*.” Revista de Educação Physica e Actualidades. Anno XIV. 31 de Junho, pp. 2-3

ⁱⁱ *Tiro e Sport*, 30 de Março e 10 de Abril (1908). A taça da Páscoa. In: “*Tiro e Sport*” (1908). Revista de Educação Physica e Actualidades. Anno XIV. 30 de Março e 10 de Abril.

ⁱⁱⁱ *A Luta* informa-nos que no Centro Republicano Tomás Cabreira havia aulas diurnas e noturnas de esgrima as quais funcionavam às segundas e sextas-feiras (ano III, n.º 1397, 8 de Novembro de 1909).

^{iv} O diário *Vanguarda* noticia algumas das atividades desenvolvidas pela Comissão Escolar do *Centro Republicano do Socorro*, entre as quais avultavam aulas de ginástica sueca.

^v No Centro Escolar Republicano António José de Almeida, começaram a funcionar, em Março de 1910, aulas de ginástica para crianças (*A Luta*, Lisboa, ano IV, n.º 1518, 11 de Março de 1910).

^{vi} São diversos os textos que a imprensa de educação e ensino dedica a este tema^{vi}. A título de amostragem, ver os artigos publicados n’ *A Escola: Ensino da ginástica nas escolas primárias, Ginástica, A ginástica nas escolas primárias, Ginástica sueca* (ano II, n.º 167, 5 de Novembro de 1904; ano III, n.º 178, 21 de Junho de 1904; ano III, n.º 202, 16 de Setembro de 1905; ano III, n.º 224, 9 de Dezembro de 1905). Também o Padre João Manuel de Almeida Pessanha (capelão-militar) e um dos redatores da *Revista de Educação e Ensino* dedicou à educação física uma série temática constituída por seis artigos (*Revista de Educação e Ensino*, Leça da Palmeira, ano I, vols. I, II, III, IV, V e VI de 1886). A *Revista Pedagógica* (Lisboa) dedica igualmente a esta temática, em 1904, uma série de artigos (ano II, n.º 70, 71, 73, 74, 77, 79, 81, 82, 83, 85, 87, 89, 91, 94 e 98). Em 1878, Paulo Lauret publica em Lisboa *O Ginasta - Órgão bimensal de educação física*. Em 1882, retoma no Porto a edição de uma nova revista também intitulada *O Ginasta*. Em 1888, reedita de novo a revista com o mesmo título. Todas estas publicações foram efémeras tendo sido editados, respectivamente, seis números das duas primeiras revistas e sete números da última. Paulo Lauret e os seus colaboradores davam notícias históricas sobre a ginástica e outras modalidades desportivas (natação, esgrima, tiro), apresentavam exercícios práticos e dedicavam artigos de fundo à ginástica e à higiene.

^{vii} Diário da Camara dos Deputados, sessão n.º 76, de 28 de Abril de 1882, p. 1294. Vejam-se também, entre outras, a sessão n.º 52, de 6 de Abril de 1907, p. 16, a sessão n.º 59, de 6 de Setembro de 1909, p. 15,

viii Pinheiro, Anibal (1909). Sociedade promotora da educação physica nacional. In: *“Tiro e Sport.”* Revista de Educação Physica e Actualidades. Anno XV. 15 de Outubro, p.2.

A primeira reunião para este fim realizou-se em 1898 ou 1899, promovida pela União dos Atiradores Civis Portugueses. A segunda foi em 1907, promovida pelos inspectores e professores de ginástica oficiais e um de ensino livre. A actual, em 1908, com os mesmos elementos e outros que se agregaram. Nesta reunião nomeou-se uma comissão organizadora constituída por; Mauperrin Santos, Dr. Jorge Cid, António Martins, Pedro José Ferreira, Camara Leme, Silva Lopes, e Annibal Pinheiro. Esta comissão elaborou os estatutos e convocou uma assembleia dos sócios fundadores

ix *Tiro e Sport, ano XVI*, 15 de Julho, p.13.

x *Idem.*